

O PANORAMA.

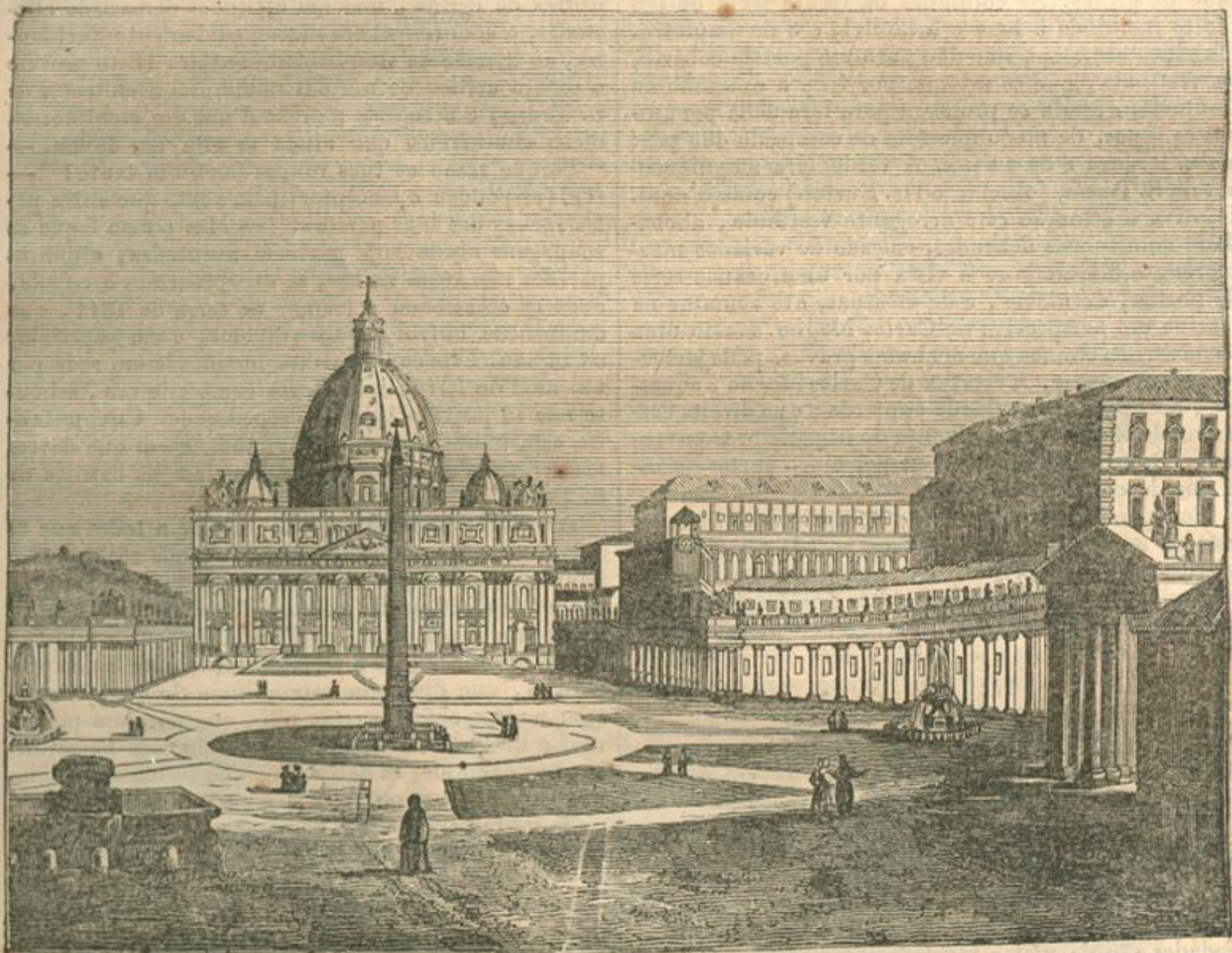
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utels.

73)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (SETEMBRO 22, 1838)



VISTA EXTERIOR DA BASILICA DE S. PEDRO.

BASILICA DE S. PEDRO.

O PRIMEIRO cuidado do viajante, que chega a Roma, é ir admirar o sumptuoso templo do catholicismo, que a tradição refere estar edificado no local do sepulchro do príncipe dos Apostolos. Em livros expressamente destinados para os professores das artes liberaes, e nas relações mais celebres de viagens pela Italia, se acham miudas descripções, umas artisticas e rigorosas, outras pomposas e poeticas, deste maravilhoso edificio. Por mais resumido extracto, que intentassemos fazer, teriamos de encher muitas paginas do Panorama se quizessemos relatar todas as magnificencias do templo de S. Pedro, e do palacio adjacente, residencia dos summos pontifices. De mais, seria trabalho ocioso para os amadores das artes, que bem conhecem as fontes a que hão-de recorrer: contentar-nos-hemos, portanto, com uma succinta noticia das cousas mais principaes para os curiosos, que não podem seguir uma aturada leitura, e a quem não será desconhecida a fama do templo mais notavel do universo, obra de tantos engenhos primorosos, e que mais d'um seculo gastou para se concluir.

VOL. II,

A basilica de S. Pedro está situada da parte esquerda ou occidental do Tibre, ficando a maior porção da cidade do lado opposto. Querem muitos que a sua posição não seja vantajosa para o effeito geral do edificio: é verdade que quem passa a ponte de St.^o Angelo [*], encaminhando-se para a basilica, tem de seguir uma rua mesquinha; mas quando desemboca na praça de S. Pedro, subitamente lhe avultam diante dos olhos a arcaria circular, o obelisco central, as duas fontes escumantes lançando ao ar, noite e dia, copiosos repuchos; e lá na frente a immensa fachada, o soberbo zimbório do grande templo do christianismo: então as impressões anteriores se desvanecem, para darem lugar á admiração. A arcaria circular é tida pela obra prima de Bernini. Compõe-se de quatro ordens de columnas, de 40 pés d'alto, e 5 de diametro com uma architrave geral. As columnas são 256, e por cima ha 192 estatuas de sanctos, cada uma de 11 pés d'altura. A praça que fica no meio destas arcadas é de 728 pés de comprimento, e de 606 de largura no topo mais largo. No centro está inaugurado um obelisco egypcio d'uma peça inteiriça de granito.

(*) Vide a gravura desta ponte, N.^o 3 do I.^o vol.

de 132 pés d'alto, entrando 48 da base: de cada lado está um vasto e esplendido chafariz. Desta praça é que deve contemplar-se a frontaria de S. Pedro: e é observação geralmente feita que esta frontaria quadra mais a um palacio do que a uma igreja: tem 160 pés de elevação e 396 de largo. — Consta de dois andares e um attico, de 9 janellas cada andar, e nove saçadas de estylo pesado, grosseiramente intersectando as columnas corinthias e pilastras em metade da altura. As columnas da frente teem 88 pés d'alto incluindo a base e o capitel, e 8 de diametro. Ha cinco entradas, que dão para um portico coberto, ou vestibulo, que se estende por toda a extensão da frontaria, e ainda se prolonga para fóra della por ambos os topos, de modo que tem de comprido 468 pés; a sua largura é de 40 pés. A verdadeira magnificencia de S. Pedro, [observa o Dr. Burton] começa aqui. Captiva a attenção este arrogante vestibulo, abobadado de estuques dourados, calçado de variados marmores, e dilatando-se á vista por uma grande serie de portas, de nichos, e de estatuas, até rematar na estatua em perspectiva de Carlos Magno. É esta uma scena architectonica que nenhuma gravura póde jactar-se de representar. A estatua de Carlos Magno é equestre; occupa a extremidade esquerda; e na direita corresponde-lhe outra semelhante do imperador Constantino. Deste vestibulo entra-se por cinco portas no interior do edificio.

Conforme o Dr. Burton, o comprimento do interior da igreja é de 609 pés, de parede a parede: a largura da nave 91 pés, e a sua altura ao topo da abobada 152. Sobre o pavimento, que é composto de grandes peças de marmore de singular belleza, dispostas em varias figuras, estão marcados os comprimentos dos principaes templos da Europa, sem exceptuar esta mesma basilica; e são os seguintes:

S. Pedro	837 palmos.	609 pés.
S. Paulo de Londres	710 "	521 "
Sé de Milão	606 "	439 "
S. Paulo em Roma	572 "	415 "
S. Sophia, Constantinopola	492 "	356 "

A profusão dos marmores é espantosa; muito delle pertenceu aos edificios da antiga Roma, e as variedades são da maior raridade e formosura. O tecto é composto de estuques dourados sobre chão branco. "O principal destes estuques [diz Forsyth] já foi victima da vaidade de um papa [Pio 6.^o] cujas armas estão entalhadas, pintadas, e embutidas, por todo o templo."

As pilastras entre as arcadas da nave não são de marmore, mas de estuque, com 63 pés d'alto, e nos vãos dellas estão as estatuas dos fundadores de varias ordens religiosas. As naves lateraes teem quasi 21 pés de largo, e fronteira a cada arco da nave ha uma capella funda embebida na parede. Estas capellas são dignas de observação pelos seus esplendidos adereces; e quasi todas contêm um specimen daquella maravilha da arte — as pinturas executadas em mosaico.

Debaixo do zimbório está o *baldacchino*, ou docel, que cobre o elevado altar, debaixo do qual, segundo a tradição, repousa o corpo de S. Pedro. Este docel, ao dizer de alguns, tem 122 pés de altura; e é voz publica em Roma, que esta elevação é egual á do palacio Farnesio, um dos mais altos da cidade. É quasi todo de bronze, e os ornatos geralmente dourados. Proximo ao *baldacchino*, e fronteira á extrema columna da nave, está a imagem de S. Pedro em vulto, que um antiquario romano diz fóra mandada fazer, por ordem do papa S. Leão, do bronze da estatua de Jupiter Capitolino: é de grosseiro lavor, e

ainda que asseveram ser de bronze mais parece de ferro. Este é o objecto que mais attrahe a veneração dos fieis, e nenhum catholico passa sem beijar o pé da estatua, que para este fim o tem lançado para diante; e esta já bastante gasto por effeito desta devoção.

Os intervallos entre as columnas, que separam a nave central das lateraes, são cheios por vinte e quatro estatuas colossaes de marmore, que representam os padres da igreja, mas em attitudes demasiado affectadas, e com roupagens descomedidamente fluctuantes, ao inverso da simplicidade antiga. Disto proveio o reparo critico de um dos numerosos architectos de S. Pedro, e a replica mordaz d'um dos esculptores, dicto chocarreiro que ainda se cita em Roma. — "Porque razão as tuas roupas fluctuam tanto?" — "É [respondeu o esculptor] pelo vento que entra pelas rachas das tuas paredes." — Mas o caso é que as roupagens ainda hoje parecem aventadas, e que as paredes não teem rachas, se exceptuarmos a cupola, onde as occasionou o tremor de terra de 1811, que damnificou outros muitos edificios, e em particular o Colyseu. Esta cupola estava fortificada em roda por um anel de ferro; mas, forte como elle era, achou-se não só partido, porém despedaçado. Circumstancia esta indubitavelmente ominosa, e em que devem fazer reparo os curiosos, que passeiam na basilica de S. Pedro.

Ao entrar neste templo faz pasmar a todos que as suas dimensões pareçam menores do que realmente o são. Isto, que é por uns qualificado como merito, é por outros censurado como defeito. O Dr. Burton lhe chama a principal excellencia de toda a fabrica: "Porque [diz elle] é a formosa conveniencia das proporções, que distingue este edificio de qualquer outro: muitos objectos estão alli, que parecem pequenos, e de tamanho commum, e estão bem longe disso; por exemplo, os dois anjos, que sustentam as pias nas primeiras columnas da nave, figuram de meninos, e são do tamanho d'um homem: a pomba com o ramo de oliveira no bico, que se divisa frequentemente nesta igreja [por ser o brazão d'armas d'Innocencio X, da familia Pamphili], e que fórma um ornato de cada columna da nave, parece estar facilmente ao alcance de qualquer pessoa, porém difficilmente lhe chegará com a mão o mais agigantado homem." Vogam a este respeito diversas opiniões: mas talvez, em parte, se possa attribuir a verdadeira causa da diminuição apparente da igreja de S. Pedro á desmesurada grandeza das numerosas estatuas, que a adornam. Com effeito, ellas são todas colossaes, e como a nossa vista está habituada a figuras de tamanho regular, podem aquellas servir de falso padrão pelo qual se meçam as dimensões do templo. Temos que não pouco concorre para este engano o serem as estatuas de marmore branco, que pelo esplendido da côr fingem estar mais perto do que estão, sendo ajudada esta illusão optica pela grande claridade que inunda a igreja, em contraposição das velhas cathedraes gothicas, que por mais sombrias parecem mais vastas.

Deixemos agora de parte todos os mais objectos dignos d'attenção, e todas as obras de esculptura e de pintura, que com maior ou menor gráu de merecimento, provocam a admiração, ou dão alimento á critica dos entendedores: tempo é de chegarmos a tractar da mais estupenda maravilha da basilica de S. Pedro. Vamos fallar do zimbório; cuja primeira concepção se attribue a Bramante, e cuja execução é devida ao genio assombroso de Miguel Angelo, que os nossos leitores já conhecem [1]: delle se disse, por

(*) Veja-se a estampa e art.^o do N.^o 25 vol. 1.^o

(1) Vid. N.^o 46 deste vol.

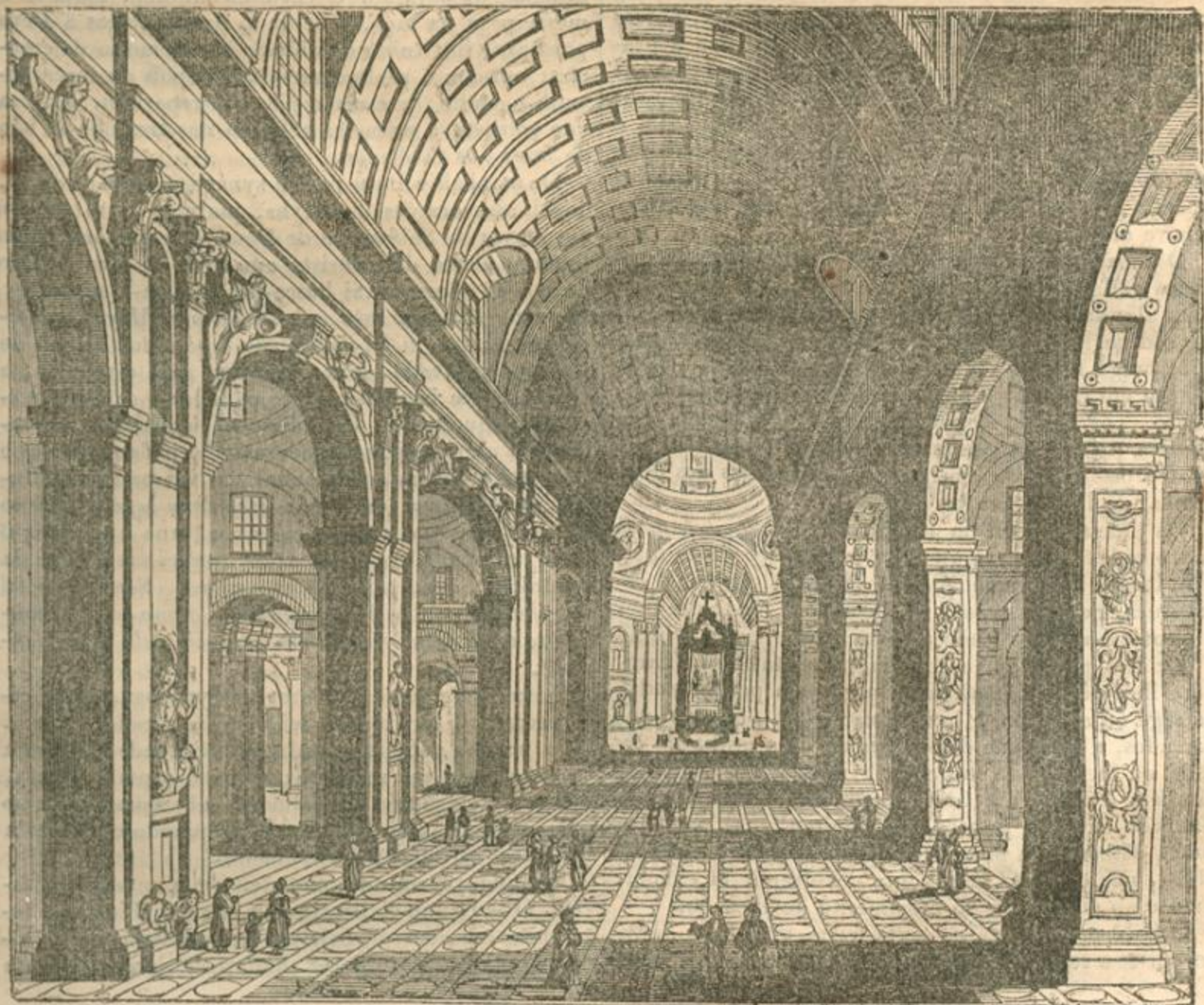
ocasião da construção desta peça magestosa, que tinha elevado aos ares o Pantheon [2].

O zimbório, ou cupola é dobrado — queremos dizer que de facto são dois zimbórios — um interno, outro externo, correndo entre ambos a escadaria que conduz á summitade. O diametro do zimbório interior é de 140 pés, o do exterior é de 195. Desde a cornija, immediatamente acima das columnas, até a abertura da lanterna a distancia é de 170 pés, e dali ao topo da cruz vão 110 pés. A altura total em que fica o topo da cruz acima do pavimento é de 458. Muita inquietação tem causado em differentes tempos a estabilidade da cupola de S. Pedro. Pelos fins do século 17.^o espalhou-se que ella dera de si com o peso: mas procedendo-se a exame não havia causa razoavel para sustos. Em 1742 correu de novo o mesmo boato: chamaram-se mathematicos e architectos, que produziram opiniões encontradas. Agora tem a cupola varias cintas de ferro; e desde a sua edificação tinha duas. Notam-se porém fendas em toda a redondeza do tympano, que, segundo Mr. Woods, indicam alguma dilatação naquella parte pela expansão do zimbório. “Apesar de todos os vinculos de ferro, as fendas nas escarpas são as mais importantes, e pela sua direcção, quasi uniformemente por fóra e para baixo, indicam que a cupola tem feito algum assento sobre os encontros, ao passo que as columnas, que repousam sobre as arcarias aprumadas da nave, teem conservado a sua posição. Os grandes pégões teem por isso provavelmente bojado para fóra. Nem tem o movimento inteiramente cessado; por quanto uma peça de marmore gateada, e disposta para verificar o facto em 1810, se achou estalada em 1825. Talvez nada

baja que reccar, mas como estalou um dos vergalhões de ferro que rodeavam a cupola, esta fez provavelmente bastante assento, o que sempre acontece em obras feitas aos poucos. Seis cintas novas de ferro tem hoje, embebidas no tympano, e parece estar segura aquella machina, ainda que ha architectos italianos que dizem que estas obras teem feito mais mal do que bem ao zimbório.” A subida ao tecto de S. Pedro é muito facil. — “Ficarieis de boca aberta [diz um moderno escriptor] quando eu vos dissesse que um largo caminho calçado guia ao topo da basilica de S. Pedro, intransitavel para carruagens por causa de ser em caracol, mas por onde vão continuamente cavallos carregados de pedra e cal; e a subida é tão suave, e o caminho tão bom, que tudo vae para cima, ou vem para baixo com perfeita segurança.” Quando o viajante chega aos eirados do tecto, a immensidade do edificio se mostra em toda a sua plenitude. Casinholas e officinas para os operarios empregados em reparos que nunca teem fim, estão alli construidas, e perdem-se naquella vasta planicie, bem como as dezoito cupolas das capellas lateraes, que se não distinguem cá de baixo. Deste tecto sobe-se por lanços de escadaria á bola que sustenta a cruz. Esta bola tem vinte e quatro pés de diametro, e capacidade para conter dezoito pessoas. Da balastrada externa da bola os aventureiros montam ás vezes até o pé da cruz por uma escada de mão, feita de ferro, que é em parte inteiramente perpendicular.

É costume em algumas occasiões, e sempre na vespera da festa de S. Pedro, illuminar o exterior deste enorme edificio. Póde ler-se em Simond uma bella descripção desta scena magnifica e dos seus preparativos.

(2) Vid. Panor. N.º 33. 1.º vol.



VISTA INTERIOR DA BASILICA DE S. PEDRO.

CEREMONIAS DOS JUDEUS MODERNOS.

DEPOIS da ruina do templo de Jerusalem deixaram os judeus de offerecer sacrificios, assim como de praticar muitos outros ritos religiosos. Constrangeu-os a sua dispersão a não fazer uso de certas leis civis e criminaes, contidas nos capitulos 21 e 23 do Exodo. Hoje em dia obedecem ás leis das terras em que vivem, porém no mais seguem fielmente os preceitos de Moysés.

A base da religião judaica consiste na leitura da lei e dos prophetas, a qual os judeus fazem na synagoga. Todos aquelles que não podem assistir a estes actos religiosos teem obrigação de orar em casa tres vezes ao dia, isto é, de manhã, depois do meio-dia, e á noite. Repetem elles *graças e louvores particulares ao Senhor*, não sómente nas horas de suas resas, mas em circumstancias accidentaes, e antes de quasi todas as suas acções. Fazem escrupulo de deixar passar um só dia sem que leiam em suas casas algum passo de seus livros sagrados, e não empreendem qualquer negocio sem primeiro terem implorado o auxilio divino. É-lhes severamente prohibido jurar em vão ou pronunciar sem absoluta necessidade algum dos nomes do Senhor. Abstem-se do uso das carnes dos animaes que o Levitico declara immundos, e quanto comem deve ser preparado de certa maneira, por alguém da mesma religião.

No extremo oriental de cada synagoga ha um armario ou arca, em memoria da arca da alliança que se conservava no templo, onde se deposita o Pentatheuco, escripto com a maior perfeição n'um livro ou n'um rolo de pergamiuho, encerrado n'um estojo de seda ricamente bordado. Para dizerem a resa da manhã lançam os judeus por cima dos vestidos um veu quadrado com cordões e borlas, a que chamam *thaled* ou manto: uns o enrolam no pescoço, outros cobrem com elle a cabeça, sendo esta ultima a practica mais seguida. Revestem além disso uma vestimenta franjada e ornada de boletas nos quatro cantos, chamada *zizit*: cingem por cima o *thephilim* e os *phylacteros*. São obrigados todos os judeus excepto nos domingos a revestirem ao menos os *phylacteros* quando pela manhã leem o *Shema*, e repetem as dezenove orações.

O *Chazzan* ou sacerdote dirige na synagoga os exercicios religiosos, cantando as orações; os leigos podem algumas vezes ler a lei ao povo, mas quem o faz de ordinario é o mesmo sacerdote. Acabadas as orações prega muitas vezes o *rabbino* um sermão, raramente em hebreu, e quasi sempre na linguagem corrente, por que hoje poucos judeus entendem o seu idioma primitivo. Quando o pregador cita em hebraico passagens da escriptura, e sentenças dos doutores, dá logo a sua traducção.

Os judeus respeitam muito o Sabbado, e temem sobre todas as cousas quebrar o descango deste dia, que lhes é recommendado em diversos logares da escriptura, nomeadamente no Decalogo. Neste dia lhes é expressamente vedado accender ou apagar o lume e por isso preparam a comida na sexta-feira. Também lhes não é permittido, pegar em pesos, andar de sege ou acavallo, e irem, quer seja a pé, quer embarcados, a sitio que diste mais de uma milha da cidade ou logar onde moram. A musica instrumental também é defesa até nas synagogas. Não podem no Sabbado enterrar mortos, nem deitar lucto, nem jejuar; sómente se permite algumas vezes a circumcisão, por que esta cerimonia deve ser feita exactamente ao oitavo dia do nascimento do menino.

O Sabbado começa na sexta-feira, uma hora antes de pôr-se o sol, assim no verão como no inverno, por-

que os judeus suppoem que se deve contar o dia desde a tarde antecedente, segundo estas palavras do Genesis: "E da tarde e da manhã se fez o dia primeiro." Accendem então um candieiro de quatro torcidas, que arde parte da noite, e esta é uma das ceremonias que cumprem com a maior punctualidade, tanto assim que os pobres antes querem mendigar o azeite ou privar-se de comer do que deixarem de ter uma alampada accêsa em suas casas. Accendem-se ao mesmo tempo outras que taes alampadas nas synagogas, á imitação do que se practicava no templo antigo, onde os Machabeus haviam instituido este uso, depois da perseguição de Antiocho, porque assim lhes era necessario para orarem na sexta-feira á noite. Ao accende-las dizem: *Benedicto seja o Senhor, nosso Deus, rei do universo, que nos sanctificou mediante os seus mandamentos, e nos ordenou accendessemos a alampada do Sabbado.*

As mulheres teem a seu cargo accender estas alampadas, por dois motivos: o primeiro, porque de ordinario estão em casa e sabem a hora propria de o fazer; o segundo que é místico, para que isto lhes lembre o peccado de Eva, que depois de haver comido do fructo prohibido quiz obrigar seu marido a commetter o mesmo crime, negando-lhes por essa occasião a luz o sol que os estava vendo. D'aqui vem serem ellas obrigadas a accender o facho que apagaram, para assim expiarem o seu peccado. Os homens largam os seus trabalhos, vestem roupas de festa, e vão orar na synagoga. Ao sair d'ella abençoam-se, dão-se uns aos outros o bom Sabbado, e recolhem-se a casa onde acham já posta a mesa, em que deve haver sal, dois pães cosidos na sexta-feira, e uma taça com vinho. O pão esta mettido entre dois guardanapos para representar o manná, que caia entre duas camadas de orvalho. O chefe da familia, senta-se á mesa, pega na taça, e benze-a, dando graças a Deus por haver instituido o Sabbado em memoria da criação; entoam o psalmo xxiiii, e depois de terem libado o vinho, cortam o pão e o repartem. Eis em que consiste a primeira refeição das tres que se hão de fazer nos Sabbados.

De manhã voltam para a synagoga, para ouvirem, depois das orações do estylo, psalms e gratulações em louvor do Sabbado e de Deus. A cerimonia mais solemne deste dia consiste em tirar da arca o livro da lei. O *chazzan* vai busca-lo, mostra-o ao povo e lhe diz: *Eis aqui está a lei dada por Moysés aos filhos de Israel; a lei do Eterno é perfeita.* Depois de o haver mostrado, leva-o consigo para o pulpito, e chama quem bem lhe parece para ler o capitulo respectivo áquelle dia. O *rabbino* só lê quando a assemblea ou alguma pessoa poderosa lho pedem, e n'esse caso todos devem acompanhar em voz baixa a leitura, finda a qual exclama: *Benedicto seja o Eterno nosso Deus, que nos deu a lei!* e torna a guardar o livro na arca. Depois de outras orações sae o povo da assemblea, repetindo: *Prescreve-me, Senhor, a lei que devo seguir no teu caminho; e digna-te, por causa dos meus inimigos, de me conduzir pela vereda direita.*

Tornam de tarde a ir orar na synagoga, e por esta occasião é o livro da lei de novo tirado da arca. Tres pessoas entoam o psalmo do Sabbado, e leem a secção da semana seguinte; recitam o psalmo cxix, offerecem perfumes, finalmente abençoam-se como pela manhã, e acaba o Sabbado quando começam a luzir tres estrellas no firmamento.

Os judeus teem um anno civil e um anno ecclesiastico. O seu anno civil principia no mez *Tishri* ou Setembro, em consequencia de uma tradicção entre elles adoptada, que diz ter sido creado o mundo neste

mez. Serviam-se do anno civil para contar os jubileus, datar contractos, e marcar nascimentos e reinados. O anno ecclesiastico começa no equinoccio do inverno, no primeiro dia do mez *Nisan*, que corresponde ao mez de Março, e de Abril. Os judeus chamam ao setimo mez do anno civil o primeiro do anno ecclesiastico, por causa da saída do Egypto. São obrigados os filhos de Israel a reputarem este mez o principio dos mezes, e o primeiro do anno.

No primeiro dia de cada mez celebram a festa da lua nova, rogam a Deus que os restitua á cidade sancta, e faça reconstruir o templo de Jerusalem, para que alli possam offerecer os sacrificios, que a lei determina se façam em semelhante festa.

No decimo-quarto dia do mez *Nisan* começam a celebração da Paschoa, e a festa dos *asmos*, que duram oito dias. Na vespera do primeiro jejuam todos os primogenitos em memoria de os haver poupado no Egypto o anjo exterminador. Em toda a duração desta festa devem os judeus comer pão sem fermento, e não fazer obra alguma servil. Dão começo á Paschoa procurando cuidadosamente dentro de casa todas as cousas susceptiveis de fermentar, e pondo-as de parte. Os dois primeiros e os dois ultimos dias da Paschoa são guardados com tanto escrupulo como o Sabado; sómente teem então a permissão de accender lume e preparar as iguarias. Como os judeus não podem no seu desterro fazer o sacrificio do cordeiro paschoal poem sobre a mesa as fogaças da Paschoa juntamente comervas amargosas, e comem um pedaço de pão sem fermento.

O Pentecostes principia sete semanas depois da Paschoa. Chamavam-lhe antigamente a *festa da ceifa*, porque offereciam então as primicias da colheita. Ornam de flores e de verdura as janellas da casa, para recordar que tudo estava verde em torno do monte Sião.

A *festa das Trombetas* celebrava-se no primeiro, e no segundo dia de *Tilhri* ou Setembro, setimo mez do anno ecclesiastico, e primeiro do civil; é por isso que lhe chamam a festa do anno novo. Leem na synagoga o primeiro e segundo capitulo de Samuel até o decimo verso. Depois aquelle que está encarregado de tocar a trombeta levanta-se para cumprir a sua obrigação, e profere estas palavras: *Bemdicto sejaes nosso Deus, que nos tendes sanctificado com vossas leis, que tendes sido o nosso apoio, e nos haveis feito chegar até o dia de hoje.* A trombeta tem a figura de um corno de carneiro em memoria de quando Abraham viu um destes animaes embaraçado pelas pontas na rama d'um espinheiro, e pegando n'elle o offereceu em holocausto ao Senhor em lugar de seu filho Isaac. Depois da cerimonia repetem o seguinte: *Bemaventurados aquelles que ouvem o som da trombeta, por que irão pela vereda do Senhor, guiados pela luz da sua presença.* No dia quinze de *Tilhri* [Setembro] celebram a festa dos *Tabernaculos*, que dura nove dias, sete por ordem de Moysés, e dois de superrogação. No principio desta solemnidade arma cada um no seu pateo uma tenda coberta de ramos de arvores, e forrada de diversas alfaias, e n'ella vem passar o dia. Antigamente tambem passavam toda a noite debaixo das barracas, porém este costume está mudado, pelo menos no Occidente onde as noites são mais frias. Se chove, são os judeus obrigados a aturar a chuva debaixo destes tabernaculos, excepto se acaso se torna mui copiosa. A festa dos *Tabernaculos* foi instituida em memoria da viagem do deserto, e para agradecer á Providencia o ter conservado a nação pura, por espaço de quarenta annos, no meio de planicies estereis e sem habitação.

No primeiro dia da festa dos *Tabernaculos* levam

na mão direita um ramilheté composto d'um ramo de palmeira, tres de murta, e um de salgueiro; e na mão esquerda um ramo de limoeiro com fructo, e dão assim uma volta ao redor do tabernaculo.

No setimo dia levantam-se ao amanhecer, vão para a synagoga, entoam muitas orações, com prodigiosa rapidez, durante toda a festa, porque suppõem que na sua peregrinação, pelo deserto, se viram contrangidos a ser apressados até no serviço de Deus, e nas orações que lhe dirigiam.

Os judeus observam um grande dia de expiação, em que pedem perdão aos que offenderam, restituem a cada um o que lhe tiraram injustamente e perdoam as offensas recebidas. Esta grande festa faz-se aos 10 de *Tilhri* ou de Setembro. Na tarde da vespera, depois de sairem da synagoga, não sómente se devem abster de comer cousa alguma, mas até teem prohibição de beber uma só gotta d'agua.

Nas cidades onde residem judeus ha um grande rabbino, que governa a sua egreja, o qual junctamente com outros dois rabinos forma uma especie de tribunal onde se julgam os casos religiosos e muitas vezes os negocios particulares. Este tribunal chama-se *Bethdin* ou a *casa de justiça*. Como o pontificado acabou com a ruina do templo, já não se confere o titulo de grão-sacerdote, pois que nenhum rabbino exerce as funcções de pontifice visto já se não fazerem sacrificios. Os levitas, não leem a lei senão na falta dos *cohenimos* ou descendentes dos sacerdotes. O ministerio do rabbino presidente, eleito pelos rabinos da congregação, consiste na direcção espiritual; resolve as questões que se suscitam sobre a observancia das festas religiosas, prega algumas vezes, faz os casamentos, vigia sobre os divorcios, e dirige á cerimonia do çapato, chamada *Chalitzá*, de que falla o capitulo XXV de Deuteronomio, desde o v. 5.^o até o 10.^o, da maneira seguinte: v. 5.^o Se dois irmãos morarem junctos, e um d'elles morrer sem filhos, a mulher do morto não se desposará com outro, senão com o irmão de seu marido, o qual a tomará por mulher e suscitará filhos a seu irmão. V. 6.^o E porá o nome de seu irmão ao primogenito dos filhos que tiver della, para que o nome de seu irmão se não perca em Israel. V. 7.^o Se elle não quizer desposar a mulher de seu irmão, a qual lhe é devida segundo a lei, irá esta mulher á porta da cidade, e recorrerá aos anciãos, e lhes dirá: O irmão de meu marido não quer suscitar o nome de seu irmão em Israel, nem receber-me por sua mulher. V. 8.^o E elles o farão logo comparecer, e lhe farão perguntas. Se elle disser: Eu não quero casar com esta mulher: v. 9.^o A mulher se chegará a elle diante dos anciãos, descalçar-lhe-ha o çapato d'um pé, e cuspir-lhe-ha no rosto, e dirá: Assim será tractado o homem, que não quer estabelecer a casa de seu irmão. V. 10.^o E a sua casa se chamará em Israel a casa do descalçado.

Os casamentos entre os judeus são feitos com muita pompa e solemnidade. Poremos aqui algumas particularidades referidas por um auctor inglez.

Reuniram-se os convidados n'uma das principaes tabernas de Londres, e esperaram algum tempo n'uma ante-sala onde o noivo e a noiva receberam os cumprimentos e signaes de afeição de seus amigos, em quanto o rabbino-mór e outros repetiam orações, e liam passagens da Escriptura. Depois que os parentes dos noivos assignaram o contracto do casamento entrámos nós para uns quartos elegantes. No meio da casa principal estava o rabbino debaixo d'um rico docel de veludo carmesim que quatro pessoas levantavam por meio de outras tantas varas a que estava preso á maneira de pallio.

Depois de alguns preliminares, os amigos do noi-

vo o levaram com grandes formalidades para baixo do docel, encostado a sua mãe, e coberto desde a cabeça até os pés com um rico veu de cassa. A noiva com passos vagarosos se encaminhou para o seu esposo e veio sentar-se juncto delle. No fim de varias ceremonias mui parecidas com as de que os christãos usam em casos semelhantes, offereceram um copinho de vinho ao noivo e outro á sua consorte: ambos beberam o seu gole. Uma das pessoas que dirigiam o ceremonial pegou em outro copo vasio, e quando acabou de dizer algumas palavras sobre o voto de fidelidade, fez o copo em pedaços sobre o soalho, exprimindo assim o desejo de que o casamento se não dissolvesse em quanto não se tornassem a unir os pedaços de vidro.

O rito da circuncisão practica-se no oitavo dia do nascimento de qualquer menino.

Quando algum judeu está para morrer manda chamar dez pessoas e um rabbino, na presença dos quaes faz uma confissão de peccados pela ordem do abecedario. Cada letra corresponde a um dos peccados que se podem commetter.

Os amigos do doente vão resar por elle na synagoga, debaixo de outro nome, para darem a conhecer que mudou de vida. Os que com elle ficam no mesmo quarto esperam até que a alma se separe do corpo. Quando expira, um dos que lhe assistem tem obrigação de rasgar o seu vestido onde lhe parecer.

Costumam tambem lançar á rua a agua que está em casa do morto e nas dos vizinhos. Depois estendem o defuncto no chão, sobre um panno, com o rosto cuberto, que ninguem mais pode tornar a ver. Dobram-lhe o dedo pollegar sobre a palma da mão, e prendem-o com fios do seu thaled, ficando aberta o resto da mão. Lavam o corpo, e vestem-lhe ceroulas e camisa brancas, cobrem-lhe a tumba de negro, e levam-no para fóra da casa, onde todos se reúnem. No cemiterio fazem uma exhortação ao defuncto, e depois de acabarem de resar uma oração chamada *justiça do juizo*, voltam-lhe a cara para a parte do ceu e bradam-lhe: "Ide em paz" ao mesmo tempo que lhe poem por baixo da cabeça um saquinho de terra. Em alguns logares, andam dez pessoas sete vezes á roda da tumba recitando uma oração por alma do defuncto; depois disto o parente mais chegado rasga um canto do seu vestido, e o corpo é descido á cova.

No fim do enterro ha uma refeição.

Logo que o cadaver é tirado de casa, dobram ao meio os colchões, enrolam as cobertas que ficam sobre o enxergão, e deixam uma alampada accessa no logar da cabeceira, que deve arder sete dias sem interrupção.

Os rabbinos tomam trinta dias de nojo por um defuncto.

CARACTERES DAS DIFFERENTES RAÇAS DE HOMENS.

A RAÇA europea é, sem duvida alguma, aquella que constitue as nações mais civilisadas e illustradas do mundo. Isto seria sufficiente para d'ahi concluirmos, sem que de outra prova carecessemos, que a agudeza de entendimento é o caracter commum desta raça: mas a historia apresenta um facto incontestavel, que ainda melhor demonstra a tendencia dos europeus para a civilisação; e é que não ha memoria de que existisse tribu alguma desta parte do mundo que deixasse de crear gados e de cultivar a terra, por mais ingrato e esteril que fosse o seu paiz.

Esta raça se divide em tres grandes familias; a caucasia, a celtica, e a teutonica. A caucasia, que comprehende os russos, cossacos, os turcos, e os tartaros, distingue-se principalmente pelo seu genio inquieto, guerreiro, e ousado, que impelle estes povos mais

para as empresas incertas e perigosas, do que para as occupações tranquillias e proveitosas da industria, da sciencia, e das artes. Os inglezes, em grande parte, os escocezes e irlandezes, os francezes, os hespanhoes, os portuguezes, os italianos, e os gregos pertencem á familia celtica, e distinguem-se pela impetuosidade das paixões, e viveza de ingenho. São emprehendedores e resolutos: posto que nos italianos seja mui pouco sensivel este signal caracteristico.

A familia teutonica distingue-se por uma industria perseverante, mais do que por brillantes inventos, ou espirito emprehendedor. Os alemães, hollandezes, suecos, dinamarquezes &c. pertencem a esta familia; e de todas estas nações a sueca é a mais activa.

A raça mayolia comprehende os bramás, os mayolos &c. Caracterisa-a uma ousadia grandemente impetuosa, excessiva actividade, e invencivel inclinação á guerra.

A raça chim e japonica, pelo contrario, apresenta notavel brandura de costumes, e pouca tendencia para a guerra.

As tribus asiaticas que estanceam pelas extremidades do norte da Europa, da Asia, e da America, teem o entendimento obtuso, e são excessivamente desalinhas nos trajos, e immundas. Phisicamente, caracteriza-as a pequenez dos corpos, como se vê nos samoiedas, groelandezes, e esquimáus: todavia estes povos nojentos e apoucados, teem a condição branda, e são innocentes.

Os povos de raça americana e da raça malaia distinguem-se por activos, manhosos, e atrevidos, e pela quasi incrível firmeza com que supportam os incomodos e males da vida. Alem destas qualidades, os malaos são inconstantes, traidores, e crueis.

Os indios da America do norte são graves e pausados nas suas acções, e de genio agasalhador e generoso. Mostram natural agudeza; e os seus discursos publicos tem tal eloquencia e suavidade, que não envergonhariam os oradores de uma nação civilisada. As tribus independentes da America apresentam commummente os mesmos caracteres dos indios do norte; mas algumas são notaveis por muito maior brandura e docilidade; outras por muito maior ferocidade, e pelo seu genio traiçoeiro.

Os homens de raça africana, em quanto conservam a liberdade, são extremamente vivos, desattentos, e esperdigados. A leviandade destes povos é tal, que a maior parte do tempo, gastam-o em dançar ao som de rudes instrumentos de musica.

A raça *pahum* da Australia, e os hottentotes são em extremo estupidos, madraços, immundos e viciosos; principalmente os habitantes da Australia, que ate parecem destituidos das faculdades necessarias para poderem melhorar a sua condição social e intellectual.

Da raça africana, os caffres são os mais expertos, animosos e activos. Ha casos, em que patenteam tal heroismo e nobreza de caracter, que faz crer que seriam capazes de chegar a um grande gráu de civilisação, se houvesse meios de lançar a semente della na região da caffraria.

A REVOLUÇÃO FRANCEZA.

SEGUNDO os calculos do republicano Prudhomme, a seguinte tabella mostra o numero e classe das victimas da primeira revolução franceza.

Fidalgos	1:278
Fidalgas	750
Mulheres de lavradores e artifices.	1:467
Religiosas.	350
Sacerdotes	1:135

Pessoas do commum	13:623
Pessoas guilhotinadas por sentença do tribunal revolucionario	18:603
Mulheres mortas de parto prematuro	3:400
Dictas mortas de susto no momento do parto	348
Dictas assassinadas na guerra da Vendée	15:000
Creanças mortas na Vendée	22:000
Homens mortos na Vendée	900:000
Victimas de Carrière, em Nantes.	32:000
Entre as quaes houve	
Creanças espingardeadas	500
Dictas affogadas	1:500
Mulheres espingardeadas	264
Dictas affogadas	500
Sacerdotes espingardeados	300
Dictos affogados	460
Fidalgos affogados	1:400
Officiaes mechan. ^{os} affogados	5:300
Victimas em Lyão	31:000

Total 1:040:954

É de notar neste horrivel catalogo, quão grande é o numero de pessoas mechanicas ou da classe-media, comparado com o das de classes de maior consideração. Os fidalgos e sacerdotes guilhotinados são só 2:413, em quanto as pessoas do commum são 13:000. Os fidalgos e sacerdotes mortos em Nantes são 2:160, as creanças affogadas e espingardeadas 2:000, as mulheres 764; mas os mechanicos são 5:300. *Alison — Historia da Europa.*

O MESTRE ASSASSINADO.

Chronica dos Templarios.

1320.

VI

Os CAMPONEZES, armados e furiosos, entravam de tropel em casa de Gilberto. Elle olhou para elles socegado, e perguntou-lhes:

“Que pertendeis vosoutros? — Porque entraes em tumulto dentro da minha casa?”

“Entrega-nos o impio hereje — o templario, que tens escondido:” — gritou a multidão.

“Que sei eu de templarios?” — respondeu Gilberto. “Por certo vos enganaram.

“Mentes!” clamou Reinaldo, perverso campones seu visinho. — “Eu mesmo te vi ir para aquellas ruinas com o cavalleiro, de cuja vinda subemos pelo parvo do barqueiro que o trouxe. Detraz do vallado da minha horta, eu vos ouvi fallar de um thesouro, que elle devia levar.”

“Um thesouro!” — gritou de novo o tropel: — e a ancia de roubar fulgurava naquelles olhos esgazeados. “Onde está esse thesouro?”

“Estaes loucos?” — atalhou Gilberto. “Lembrae-vos de que sois homens e christãos.”

“Bem nos lembramos disso:” — interromperam os cabeças do motim: — “Somos homens; mas a raça dos templarios é de demonios. Nós somos christãos; mas os templarios são infieis, que amaldiçoam Jesu-Christo, que trazem ao pescoço imagens diabolicas, e que devem morrer queimados, segundo os decretos d’elrei e do sancto padre.”

“O mais importante não é o templario:” dizia em voz baixa Reinaldo, que bem conhecia os seus socios. “O thesouro é que é tudo! O thesouro é que devemos procurar.”

“Sim, sim!” repetiram com bocas. “Vamos, Gilberto, guia-nos, se não queres ainda morrer.”

Seu mau grado, foi Gilberto arrastado, no meio de alguns amigos, que o pertendiam salvar, para o arruinado castello. Na antiga casa capitular da ordem; no sitio em que delle se despedira Guido, pararam os furiosos. Inabalavel Gilberto nada mais respondeu ás suas perguntas, apesar de mil ameaças. Então elles se derramaram por aquelles subterraneos; mas Reinaldo nunca deixou a sua victima.

“Foge!” — disseram a Gilberto em segredo alguns dos seus amigos. “Nós te protegeremos na fuga.”

“Nunca!” tornou o desgraçado: “Deus e a minha innocencia são os meus protectores.”

Neste momento um dos campones saiu dos subterraneos: o lugar onde o thesouro estivera occulto se havia reconhecido, por estar revolto de fresco; mas cousa nenhuma se encontrára.

“Ainda o negarás?” — disse Reinaldo com um sorriso infernal. — “Confessa, malvado, onde param as riquezas que alli estavam; onde está o teu infame socio?”

Gilberto não lhe respondeu.

“Essa averiguação pertence ás justicas d’elrei:” — interrompeu um dos amigos de Gilberto.

“O que ousar erguer a voz a favor deste homem,” proseguiu Reinaldo, “é um criminoso. Quem é elle? Donde veio? Eis o que ninguem sabe. Porventura é tambem um banido, um socio dos maldictos templarios; desses monstros, que nos roubavam nossas mulheres, que nos constrangiam a servi-los gratuitamente, e que gosavam do nosso trabalho entregues ao luxo e á devassidão. Qual de nós não cubrirá de maldições esta ordem execranda? — A ti, Nicolau, tirou o Bailio, por dez annos, o teu quintalzinho: — os teus filhos, mestre Pedro, eram obrigados a bater com pás as aguas da lagôa para que as raãs não quebrassem com o seu grasnido o somno dos cavalleiros. A tua Angelina, bom Gualter, foi cruelmente açoutada, porque deixou queimar uma ave que estava assando [*]. Estas barbaridades, e mil outras, soffremos, e vimos com os nossos olhos: — e agora este monstro salva um membro dessa ordem, amaldiçoada de Deus e do mundo, e esconde-o das justicas d’elrei, para ser quinhoeiro das roubadas riquezas dessa sociedade de herejes. Vede-o, como sorri, com um sorriso diabolico! E soffrereis vós esta affronta? Talvez elle mesmo seja um templario, e traga a insignia da ordena escondida no peito.”

Acabando este violento discurso, Reinaldo ia a lançar as mãos a Gilberto; mas este o fez ir cair longe de si. Todavia as palavras do seu aggressor tinham feito profunda impressão nos circumstantes. Dando gritos desentoados, os incendidos campones se arrojarão contra a sua victima. Um ferreiro, cego de furor, lhe descarregou com o malho que trazia nas mãos, um golpe mortal sobre a cabeça. Gilberto caiu por terra lavado em sangue, e recebeu a corda do martyrio no seu ultimo somno. “*Hirão!*”, clamou elle ao cerrar os olhos. Seus labios pareciam querer pronunciar ainda o nome, tão querido, de Branca. Debalde! A noite da morte os tinha gelado: — e o Alvazil d’elrei, que entrou poucos momentos depois, achou o tropel pallido e aterrado á roda do cadaver, que, com rios de lagrymas, regava a desditosa viuva, que nesse instante chegára.

“Eis-aqui a relação da minha viagem: eis o que fiz!” — Assim concluia Guido o seu discurso na assemblea dos templarios, na capella de S. João da ilha

(*) Taes violencias e outras muitas constam das chronicas. Da arrogancia e crueldade dos templarios dá uma cabal idéa o Ivanhoe de Walter Scott.

de Mull. "Atire-me a primeira pedra o que me julgar criminoso. Se para merecer o gráu de mestre cumpre tingir as mãos em sangue, eu não o quero, e declaro que detestarei uma ordem onde debaixo do manto da virtude se esconde o ferro do assassino.,"

Callou-se. Todos os irmãos ficaram também em silencio. O grão-mestre levantou os olhos para o triangulo mysterioso, que estava sobre a sua cabeça. O velho parecia pedir a Deus uma inspiração celeste.

"Perrail, disse elle por fim, errou, mas não commetteu um crime: os bens da ordem foram salvos; salvo foi por elle o nosso irmão Guido, e a sua boca nunca revelou os mysterios da ordem. Exemplo nos seja elle para abolirmos o celibato dos nossos estatutos: vedes já que a lingua do homem póde callar um segredo; porém não subjugar um amor violento. Perrail ficará sendo nosso irmão; vós mancebos podereis amar; e as luvas brancas, que recebeis no momento da adopção, e que até agora vos deviam recordar perpetuamente os vossos votos de pureza, servirão para vos lembrardes que a vós cumpre ser bons esposos e bons paes. Vossas esposas serão filhas desta ordem, vossos filhos esperança e futuro amparo della. Eis o que eu, grão-mestre do templo ordeno, se a vós, meus irmãos, assim apraz.,"

"Amen!," disseram todos os cavalleiros.

Guido pediu a palavra, que lhe foi concedida.

"Não, mestre e senhor! disse elle. Perrail já não será nosso irmão: elle caiu aos golpes dos seus inimigos, defendendo-me a mim e a ordem. Retido na costa de França por ventos ponteiros, eu sube dessa horrorosa tragedia. Voltei pelas horas mortas á sua habitação e persuadi a sua mulher que me acompanhasse, promettendo-lhe amparo e abrigo. Guiei-a, e mandei trazer para bordo da barca o cadaver do nosso assassinado irmão. Poderei acaso conduzir á vossa presença essa pobre victima do odio popular contra nós?,"

"Remiu tão honrada morte os erros de Perrail," — disse o venerando Aumont. "Cubra-se o symbolo da Trindade: — dispamos as insignias mysteriosas — e entre a desventurada.,"

Branca quasi desmaiada, entrou acompanhada por Guido, e approximou-se ao grão-mestre. Comovido, este a apertou em seus braços, quando ella ía a arrojarse-lhe aos pés: poz-lhe as mãos sobre a cabeça, abençoou-a, e disse: "Como tu, desventurada, clamamos nós ao senhor, do abysmo de nossa amargura, e esperamos uma nova Jerusalem, e um melhor porvir. Embora meus olhos o não vejam; ao menos até o sepulchro serás tu minha filha, e depois de eu morrer, Guido te servirá de pae.," — Dictas estas palavras Aumont levou Branca para fóra do templo, e o corpo de Perrail foi para allí trazido, e collocado no meio de seus irmãos quasi como elle silenciosos. Todas as espadas erguidas se inclinaram para o cadaver do morto, e juncto delle foi Guido elevado ao gráu de mestre pelos veneraveis, com o toque, palavra, e senha, e com o beijo fraterno.

Perto da capella de S. João, se abriu a sepultura de Perrail, em um terreno cuberto de basto arvoredos. Um montão de pedras se erguia sobre a campa: um verde ramo de acacia, renovado cuidadosamente todos os dias, distinguia, por largo tempo, este sepulchro de outros que allí se íam abrindo; e ainda em epochas mui posteriores celebravam os membros da ordem o dia do seu orago juncto ao logar do ultimo repouso do MESTRE ASSASSINADO.

Nem sempre leis novas. — Locres era, como se sabe, situada na parte da Italia, a que chamavam a

Magna Grecia. Distava pouco de Rhego, e nella legistrou um discipulo de Pythagoras, por nome Zaleuco, que nasceu 570 annos antes da era christã. No preambulo das leis de Zaleuco, que nos foi conservado por Stobeu, lê-se o seguinte:

"Todo o cidadão que pedir a abrogação de alguma lei, ou que propozer outra nova, ha-de fallar sobre a abrogação ou admissão com uma corda ao pescoço. Se o povo, á pluralidade de votos, adoptar a mudança, ou admittir a lei nova, o cidadão que a tiver proposto fica debaixo do publico patrocínio! Se porém a lei antiga ficar conservada, ou a nova parecer injusta, apertem o laço, e morra o orador estrangulado."

Uma lei tão severa não devia dar muitas largas ao desejo de innovar; e era necessario que o cidadão que se resolvesse a propor algum melhoramento na constituição do estado estivesse intimamente convencido da sua utilidade para se sacrificar a ser martyr da sua lembrança.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Setembro 16.

1732 — Cae um raio nos armazens da polvora da praça de Campo-maior, e faz voar a parte principal do castello: na villa ficaram arrazadas 823 casas, e pereceu grande numero de pessoas.

1795 — Tomam os inglezes aos hollandezes a colonia do Cabo de Boa-Esperança.

17

1598 — Morre no Escorial elrei D. Philippe 2.^o de Castella e 1.^o de Portugal, com 71 annos de idade.

18

1772 — Entram as tropas russas, austriacas e prussianas na Polonia, e é dividido este reino entre aquellas tres potencias.

1814 — Declara-se independente da França a ilha de S. Domingos ou Haiti.

19

1519 — Parte de S. Luçar o celebre portuguez Fernando de Magalhães, para a viagem em que descubriu a passagem do atlantico para o mar do sul.

1745 — Morte de Vanloo, illustre pintor francez.

20

1532 — Morre o duque de Bragança D. Jayme, de quem fallamos a pag. 282. No mesmo dia e mez em 1563 morreu o duque D. Theodosio, seu filho e successor.

21

1506 — Diogo de Azambuja toma por industria a cidade de Çafim na Africa.

1558 — Morre o imperador Carlos 5.^o

1832 — Morre, em Abbotsford, Walter-Scott.

22

19 — [Antes de J. C.] Morte de Virgilio.

1437 — Fallece o celebre conde de Vianna D. Pedro de Menezes, 1.^o Capitão de Ceuta.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISEOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.